



eISSN: 1989-9742 © SIPS. DOI: 10.7179/PSRI_2018.31.14

<http://recyt.fecyt.es/index.php/PSRI/>Versión en inglés: <https://recyt.fecyt.es/index.php/PSRI/article/view/58209/38454>

APOIO SOCIAL E DIVERSIDADE GERACIONAL: O POTENCIAL DA LSNS-6

SOCIAL SUPPORT AND GENERATIONAL DIVERSITY: THE POTENTIAL OF THE LSNS-6

APOYO SOCIAL Y DIVERSIDAD GENERACIONAL: EL POTENCIAL DE LA LSNS-6

Susana VILLAS-BOAS*, Albertina LIMA DE OLIVEIRA*, Natália RAMOS**
& Inmaculada MONTERO**

*Universidade de Coimbra, **Universidade Aberta de Lisboa,

***Universidad de Granada

Fecha de recepción del artículo: 16.V.2017

Fecha de revisión del artículo: 5.VIII.2017

Fecha de aceptación final: 6.XI.2017

PALAVRAS-CHAVE:

apoio social
rede social
programas
intergeracionais
LSNS-6

RESUMO: Neste artigo, procurámos aprofundar o conhecimento do apoio social da população de uma comunidade local através de um estudo quantitativo em que se procurou saber de que forma o apoio social varia em função de subgrupos etários e como se encontra relacionado com variáveis sociodemográficas chave. A amostra envolveu 385 pessoas da freguesia do Bonfim, da cidade do Porto, distribuídos por três grupos etários: jovens e adultos jovens (n=165), adultos de meia-idade (n=110) e idosos (n=110). O teste de hipóteses permitiu-nos concluir que a idade é, por si, um fator de risco social, mas também que o mesmo se encontra associado às seguintes características: ser mulher, ter baixos níveis de escolaridade, baixos rendimentos, estar desempregado/a ou reformado/a. A informação e conhecimento emergentes deste estudo permite organizar estratégias de intervenção social, nomeadamente através da planificação de Programas Intergeracionais, enquanto ferramenta para alargar e solidificar redes sociais vinculantes, contribuindo para o bem-estar, a qualidade de vida e a integração social não só dos adultos idosos mas também das diferentes gerações e dos grupos de risco potencial. O aspeto inovador deste estudo consistiu na validação e utilização da Escala Breve de Redes Sociais de Lubben (LSNS-6) – originalmente construída para o grupo dos adultos idosos – a todos os grupos etários.

CONTACTAR CON LOS AUTORES: Susana VILLAS-BOAS. FPCE-UC, Rua do Colégio Novo, 3000-115 Coimbra, Portugal. Tel.: +351 239 851 450 Email: suvboas@gmail.com.

<p>KEY WORDS: social support social network intergenerational programs LSNS-6</p>	<p>ABSTRACT: This article aims to deepen the knowledge of the social support of a local community population through a quantitative study in which the authors sought to know how social support varies depending on age subgroups, and how it is related to key socio-demographic variables. The sample comprised 385 subjects from the parish of Bonfim in the city of Porto, divided into three age groups: youth and young adults (n=165), middle-aged adults (n=110) and elderly adults (n=110). The statistical analyses allowed us to conclude that age is in itself a risk factor, but it is also significantly associated with the following characteristics: being a woman, having low levels of education, low income, living alone or institutionalized, being a widow, being divorced/separated, being unemployed or retired. The knowledge and information resulting from this study is an important contribution to the organization of social intervention strategies, namely through Intergenerational Programs that could be seen as a planning tool to expand and strengthen binding social networks, contributing to the well-being, quality of life and social integration not only of the elderly, but also of different generations and groups identified as being potentially at risk. The innovative aspect of this study was the validation of the abbreviated version of the Lubben Social Network Scale (LSNS-6) – originally developed for the elderly group – for all age groups.</p>
<p>PALABRAS CLAVE: apoyo social red social programas intergeneracionales LSNS-6</p>	<p>RESUMEN: Este artículo tiene por objetivo profundizar en el conocimiento del apoyo social de una comunidad local a través de un estudio cuantitativo en el que los autores buscan conocer cómo el apoyo social varía dependiendo de subgrupos de edad, y cómo se relaciona con variables socio-demográficas clave. La muestra comprendía 385 individuos pertenecientes a la freguesia de Bonfim de la ciudad de Oporto, divididos en tres grupos de edad: jóvenes y adultos jóvenes (n=165), adultos de mediana edad (n=110) y mayores (n=110). El análisis estadístico nos permitió concluir que la edad es en sí misma un factor de riesgo, pero también se asocia de manera significativa con las siguientes características: con el hecho de ser mujer, de tener un nivel educativo bajo, bajos ingresos, vivir solo, ser viuda, estar separado o divorciado, estar desempleado o jubilado. El conocimiento y la información resultantes de este estudio suponen una importante contribución a la organización de las estrategias de intervención social, especialmente a través de Programas Intergeneracionales que pueden verse como instrumento de planificación para ampliar y fortalecer las relaciones en las redes sociales, contribuyendo al bienestar, calidad de vida e integración social no sólo de los mayores, sino también de diferentes generaciones y grupos identificados como potencialmente en riesgo. El aspecto innovador de este estudio consistió en la validación de la Escala Breve de Redes Sociales de Lubben (LSNS-6) – desarrollada en su origen para el grupo de mayores – para todos los grupos de edad.</p>

1. Introdução

O envelhecimento demográfico é uma realidade social do mundo atual. Embora verificando-se a ritmos diferentes é um fenómeno universal e irreversível que exige, por um lado, mudanças de políticas públicas (na capacidade de resposta dos sistemas saúde e segurança social e da disponibilidade de recursos) e novas formas de ação socioeducativa (Lóngas, 2016), e, por outro lado, ter em consideração outros fatores que possam prolongar as competências funcionais, a autonomia, a independência e a qualidade de vida na fase mais tardia do ciclo vital de todos os indivíduos (Oliveira, Lima & Silva, 2016), tais como as redes sociais e o apoio social.

Os termos rede social e apoio social são constructos multidimensionais que aludem às relações sociais e de suporte e às suas complexas características e dimensões, não sendo simples a sua definição (Ramos, 2004; Berkman & Glass, 2000). Guzmán, Huenchuan e Montes de Oca (2003) ao estudarem as correntes anglo-saxónicas e latino americanas subjacentes ao conceito de redes sociais, definem a rede social “como uma prática simbólico-cultural que inclui um conjunto de

relações interpessoais que integram um indivíduo no seu ambiente cultural e lhe permite manter ou melhorar o seu bem-estar material, físico e emocional, ao mesmo tempo que contribuem para evitar danos reais ou imaginados resultantes de dificuldades, crises ou conflitos que afetem o sujeito” (p. 43). Esta definição vai ao encontro do novo paradigma sociológico, que Martins (2010) refere ser urgente estabelecer nas sociedades complexas contemporâneas - um paradigma que reconheça “a presença inquestionável de pequenos sistemas dinâmicos, denominados *redes sociais*, que funcionam como novos aparelhos reguladores dos conflitos, tensões e acordos entre indivíduos e grupos minoritários” (p. 402). Não é do nosso interesse neste artigo entrar na discussão sobre as perspetivas paradigmáticas das redes sociais, embora reconheçamos o seu grande valor, mas sim focarmo-nos no apoio social que estas redes proporcionam.

Entendemos o *apoio social* como transações interpessoais e sociais que implicam ajuda, afeto, confiança, encorajamento, empatia, solidariedade e afirmação (Khan & Antonucci, 1980; Ramos, 2004, 2005a,b) e que é através das redes sociais que o fluxo de recursos, ações, solidariedades,

apoios e informação são trocados e circulam entre os indivíduos, grupos e gerações (Jong, Mooienaar, Osagie & Phielix, 2016; Ramos, 2008, 2013; Santos, 2009).

A rede social é construída pelo indivíduo, ao longo da vida, sendo que a sua extensão vai depender de fatores sociodemográficos, fatores culturais e fatores de personalidade. Vários estudos demonstraram que, com o avançar da idade, ocorre um decréscimo no tamanho da rede (Antonucci & Akiyama, 1987; Cukrowicz, Franzese, Thorp, Cheavens & Lynch, 2008; Portero & Oliva, 2007; Rosa, Benício, Alves & Lebrão, 2007), devido à perda de familiares e amigos, ao surgimento de doenças e à entrada na reforma. A literatura tem vindo a evidenciar, os efeitos positivos que proporcionam os apoios sociais em todas as etapas da vida, sobretudo nas fases mais tardias do ciclo vital. Guzman et al. (2003) reuniram vários estudos que demonstraram que as pessoas com mais apoios sociais apresentam melhores condições de saúde (física e psicológica) e melhor qualidade de vida. Por outro lado, a literatura também tem mostrado que baixas taxas de apoio social estão relacionados com o surgimento de doenças, o isolamento, a solidão, a exclusão, a deterioração do estado de saúde e maiores riscos sociais (Antonucci, 1990; Ramos, 2004; Esgalhado, Reis, Pereira & Afonso, 2010; Mohamad, Alavi, Mohamad, M., Mohamad, N.S. & Sallem, 2016), assim como com a mortalidade infantil e de idosos (Ramos, 2005a; Mazzella et al., 2010). Outros estudos comprovam, ainda, que altos níveis de apoio social estão relacionados com o bem-estar da população em geral, nomeadamente da geração mais velha (Rubinstein, Lubben & Mintzer, 1994; Mohamad et al., 2016) e com o aumento da satisfação com a vida nos idosos (Bishop, Martin & Poon, 2006). E que a falta de apoio social é um indicador negativo da qualidade de vida e bem-estar (Ramos, 2004, 2008, 2013; White, Philogene, Fine & Shina, 2009) e que aumenta o risco de exclusão e institucionalização (Bowling, Farquhar & Browne, 1991; Cummings, 2002; Esgalhado et al., 2010). As diversas investigações referidas tornam, assim, incontestável a suma importância do apoio social para todos os indivíduos.

Sabemos que a forma mais comum de apoio social é proporcionada pela rede familiar (Pérez & Montero, 2016), mas embora a família continue a ter um papel fundamental e a ser a fonte primária desse apoio, este poderá estar em risco ou dificultado. Efetivamente, as mudanças nas estruturas familiares dos últimos cem anos têm dificultado a capacidade e o desejo da família em dar o apoio social necessário aos seus membros, sobretudo aos mais velhos e aos mais jovens (Ramos, 2005b,

2008, 2013). Por conseguinte, compreende-se a importância de construir, alargar e solidificar redes sociais vinculantes que complementem o apoio social dado pela rede familiar, contribuindo para o bem-estar, a qualidade de vida e a integração social não só dos adultos idosos mas também dos de diferentes gerações.

Um meio profícuo para atingir este objetivo são os programas intergeracionais (que passaremos a designar por PI) que reúnem pessoas de distintas gerações em atividades que lhes permitem interagir, estimular-se, educar-se, apoiar-se e, em geral, cuidar-se mutuamente, e que Hatton-Yeo e Ohsako definem como “veículos para a troca intencional e contínua de recursos e aprendizagem entre as gerações mais velhas e mais jovens com benefícios individuais e sociais” (2000, p. 3). É através destes programas que se coloca em prática a educação intergeracional, entendida como

um processo pedagógico que coloca pessoas de diferentes gerações a executarem atividades e tarefas que respondem às suas necessidades e interesses, numa dinâmica de participação, cooperação, interação, intercâmbio e de diálogo intergeracional, desenvolvido numa relação igualitária, de tolerância e respeito mútuo. E que tem como principal finalidade facilitar e garantir que as pessoas de diferentes gerações aprendam, desenvolvam e compartilhem conhecimentos, competências, habilidades, atitudes e valores e se transformem na relação umas com as outras. (Villas-Boas, Oliveira, Ramos & Montero, 2016, p. 133).

A literatura tem vindo a assinalar vários benefícios dos PI e, citando apenas alguns exemplos relacionados com o apoio social e as redes sociais, podemos referir o desenvolvimento de relações de apoio mútuo entre os participantes que lhes permitem proporcionar e receber cuidados em diferentes momentos das suas vidas (MacCallum et al., 2006, 2010; Ramos, 2005b, 2008), a reintegração na família e na vida comunitária (MacCallum et al., 2006, 2010; Bressler, Henkin & Adler, 2005), a redução do isolamento e exclusão social (Power & Maluccio, 1999; Ramos, 2004, 2005a), a reconstrução e construção de redes sociais, a integração social e efeitos positivos sobre o capital social¹ das pessoas envolvidas (Granville, 2002; Souza & Grundy, 2007; Souza, 2011), entre outros.

Assim, nestes programas constroem-se redes de apoio social, ou seja, redes relacionais vantajosas para os indivíduos e as suas comunidades. Neles transacionam-se sobretudo apoios emocionais (transmissão de afeto, empatia, estima, preocupação pelos outros, etc.) e cognitivos (transmissão de informação, conhecimentos, conselhos,

sugestões). Mas também se transacionam apoios instrumentais (na procura de trabalho, realização de tarefas, tempo, transporte, etc.) e materiais (dinheiro, alimentos, comida, roupa, etc.). Porém, para garantir a transação destes apoios entre as pessoas envolvidas no PI é fundamental uma planificação e implementação atempadas, conhecimento e muito cuidado (Villas-Boas, Oliveira, Ramos & Montero, 2015).

Neste artigo, procura-se aprofundar o conhecimento do apoio social de pessoas de diferentes gerações da comunidade da freguesia do Bonfim da cidade do Porto, Portugal. Começamos por testar a *Escala breve de Redes Sociais de Lubben* (LSNS-6), como instrumento capaz de avaliar a perceção de apoio social e o risco de isolamento social de todas as gerações e não apenas das pessoas de idade avançada. Esta escala foi construída especificamente para ser utilizada com o grupo dos adultos idosos e, embora se encontrem estudos em que se utilizam a LSNS ou a LSNS-6 com pessoas de outras gerações (e.g., Emlet, 2006; Fernández-Ballesteros, Moya, Iñiguez, Zamarrón, 2004; Guerrete & Smedema, 2011; Honeycutt, Nasser, Banner, Mapp & Dupont, 2008), não identificámos nenhum estudo de validação do instrumento para a sua utilização com outros grupos etários. De seguida, aprofundamos o conhecimento do apoio social através do teste de algumas hipóteses, relativas ao apoio social em função do grupo etário e de diferentes variáveis - informação e conhecimento que consideramos fundamental para a planificação de PI, enquanto estratégia de intervenção social.

2. Metodologia

2.1. Participantes

Nesta investigação participaram 385 residentes da freguesia do Bonfim da cidade do Porto, com 15 e mais anos de idade, distribuídos por três grupos etários: jovens e adultos jovens (42,9%), adultos de meia-idade (28,6%) e adultos idosos (28,6%). Cerca de 96,1% da amostra é de nacionalidade portuguesa², 57,1% de pessoas pertencem ao sexo feminino e 42,9% ao sexo masculino. O nível de escolaridade mais representado é o 1º ciclo completo (27,3%), seguido do ensino secundário (19,2%), do 3º ciclo (17,1%), dos níveis pós-secundário/licenciatura (15,4%), do 2º ciclo (10,4%), de menos de 4 anos de escolaridade (6,2%) e, finalmente, do mestrado/doutoramento (4,2%). No que respeita ao nível socioeconómico³, mais de metade da amostra (54,5%) tem um rendimento mensal inferior ao rendimento médio nacional, 26,8% tem um rendimento médio e 5,5%

um rendimento alto. Note-se que 13,2% da amostra em estudo não respondeu a esta pergunta. No que concerne à situação face ao emprego, 37,4% encontram-se empregados, 33,8% reformados, 19% estão desempregados e 9% são estudantes.

2.2. Instrumentos

No presente trabalho utilizámos dois dos cinco blocos de perguntas do Questionário Necessidades, Interesses e Potencialidades para Desenvolvimento de Programas Intergeracionais (QNIP-DPI). Do bloco I - Informações Sociodemográficas, recorremos às perguntas relativas à idade, sexo, nível de escolaridade, nível socioeconómico e situação face ao emprego. E do bloco IV - Qualidade de vida, Saúde e Apoio social usámos a Escala breve de Redes Sociais de Lubben (LSNS-6).

LSNS-6 é a versão breve do instrumento *A Escala de Redes Sociais de Lubben* (LSNS), desenvolvida no fim dos anos 80 por Lubben (1988), especificamente para o grupo dos adultos idosos. Este instrumento determina o isolamento social das pessoas, e permite obter informações sobre o tipo de relações sociais, o tamanho da rede e a intimidade com os elementos da rede de suporte. A LSNS-6 é constituída por 6 itens que estão distribuídos por duas subescalas, três dos quais correspondem à subescala *Família* (que avalia as relações familiares) e os restantes três integram a subescala *Amigos* (que avalia as relações de amizade). A resposta a cada item é dada numa escala de Likert que varia entre “nenhuma pessoa” e “9 a mais pessoas”. A pontuação global do instrumento obtém-se através do somatório dos 6 itens, tendo uma amplitude de 0 a 30 pontos (Lubben, Blozik, Gilmann, Liffe & Kruse, 2006), sendo a escala de Likert pontuada de 0 a 5. Lubben et al. (2006) consideram como ponto de corte do somatório da LSNS-6 o valor 12 e para as subescalas *Família* e *Amigos* o valor 6, sendo que valores inferiores ao ponto de corte da LSNS-6 e das suas subescalas indicam risco de isolamento social. Esta escala na aplicação a adultos idosos revelou boas características psicométricas, quer no estudo original, sendo a consistência interna de 0,83 (Lubben et al., 2006) quer no estudo da validação da versão portuguesa que apresentou uma consistência interna de 0,80 (Ribeiro et al., 2012).

2.3. Procedimento

Recolha de dados: A colheita dos dados decorreu entre Março e Maio de 2015, em escolas, instituições e organizações localizadas na freguesia do Bonfim, e foi realizada apenas com residentes da freguesia. A administração dos questionários foi

feita individualmente em três diferentes modalidades, autoadministrado, assistido pelo entrevistador ou administrado pelo entrevistador, sendo esta última forma de administração aplicada sobretudo aos adultos idosos e pessoas com baixos níveis de literacia. A taxa de resposta foi de 98%.

Ética: No contacto pessoal e na folha inicial, os participantes foram informados sobre os objetivos do estudo, a confidencialidade dos dados, a voluntariedade da participação e apelou-se à honestidade das respostas. Foi solicitada a autorização ao Dr. James Lubben para a aplicação do instrumento⁴.

Tratamento de dados: De acordo com os objetivos do nosso estudo, nesta secção apresentamos os resultados das análises estatísticas que incidiram sobre a *amostra total* (n=385), e três subamostras etárias, a saber: *jovens* e *adultos jovens* com idades compreendidas entre 15 e 44 anos (n=165), *adultos de meia-idade*, entre 45 e 64 anos (n=110), e *adultos idosos* com 65 e mais anos (n=110). Testam-se hipóteses relativas ao apoio social, em função do grupo etário, e de diferentes variáveis, tais como o sexo, o nível socioeconómico e a situação face ao emprego, recorrendo-se para o efeito ao teste *t* e à ANOVA, de acordo com o número de grupos envolvidos. Procura-se ainda obter o padrão de correlações entre a LSNS-6 e as subescalas *Família* e *Amigos* com a escolaridade. As análises estatísticas foram realizadas recorrendo ao software SPSS, versão 22. Em todas as análises foi considerado o nível de significância de 0,05.

3. Resultados

3.1. Validação da Escala LSNS-6 e das subescalas *Família* e *Amigos* para várias gerações

3.1.1. Análise da estrutura dimensional da escala

Após a verificação dos requisitos para realizar este tipo de teste (KMO = 0,73; teste de Bartlett: $p < 0,001$; MSA > 0,5), e de acordo com o critério de Kaiser, a ACP resultou na obtenção de dois fatores, que explicam 75,2% da variância total - resultados idênticos aos encontrados no estudo de Lubben et al. (2006) e na versão portuguesa de Ribeiro et al. (2012). A primeira componente, correspondente à subescala *Família*, explica 53,9% da variância total e a segunda, abrangendo a subescala *Amigos*, explica 21,2% da variância total. Em todas as amostras etárias verificou-se a

adequação do uso da ACP que resultou sempre numa estrutura em dois fatores, sendo que em todas elas a primeira componente -*Família*- é a que explica uma percentagem mais elevada da variância total, com percentagens entre 51% e 56%, e a segunda componente -*Amigos*- revelou um potencial explicativo na ordem de 25,5% na amostra dos adultos idosos, muito superior às restantes amostras, cuja variância total explicada variou entre os 19% e 20% (Tabela 1).

Tabela 1: Matriz de componentes rodada da LSNS-6 para a amostra total e subgrupos etários

Item LSNS-6	COMPONENTES	
	Família	Amigos
AMOSTRA Total (n=379)		
1. Família: tamanho	0,786	0,168
2. Família: ligar a pedir ajuda	0,896	0,186
3. Família: discutir assuntos pessoais	0,874	0,185
4. Amigos: tamanho	0,022	0,799
5. Amigos: ligar a pedir ajuda	0,287	0,865
6. Amigos: discutir assuntos pessoais	0,306	0,818
Valores próprios	3,23	1,27
% de Variância	53,9	21,2
AMOSTRA 15-44 anos (n=160)		
1. Família: tamanho	0,707	0,115
2. Família: ligar a pedir ajuda	0,886	0,211
3. Família: discutir assuntos pessoais	0,848	0,25
4. Amigos: tamanho	0,027	0,820
5. Amigos: ligar a pedir ajuda	0,301	0,868
6. Amigos: discutir assuntos pessoais	0,366	0,802
Valores próprios	3,26	1,15
% de Variância	54,4	19,1

Item LSNS-6	COMPONENTES	
	Família	Amigos
AMOSTRA 45-64 anos (n=109)		
1. Família: tamanho	0,834	0,143
2. Família: ligar a pedir ajuda	0,876	0,195
3. Família: discutir assuntos pessoais	0,850	0,323
4. Amigos: tamanho	0,163	0,755
5. Amigos: ligar a pedir ajuda	0,220	0,881
6. Amigos: discutir assuntos pessoais	0,229	0,852
Valores próprios	3,35	1,19
% de Variância	55,8	19,9
AMOSTRA 65 e + anos (n=110)		
1. Família: tamanho	0,828	0,217
2. Família: ligar a pedir ajuda	0,921	0,154
3. Família: discutir assuntos pessoais	0,897	0,044
4. Amigos: tamanho	-0,069	0,790
5. Amigos: ligar a pedir ajuda	0,270	0,877
6. Amigos: discutir assuntos pessoais	0,270	0,822
Valores próprios	3,1	1,53
% de Variância	51,6	25,6

3.1.2. Análise da fidelidade

Como se vê na tabela 2, para a LSNS-6 o valor do *alpha* de Cronbach foi de 0,824, sendo o da subescala *Família* de 0,845 e o da subescala *Amigos* de 0,807, muito próximos dos valores encontrados na investigação de Lubben et al. (0,83) e na investigação de Ribeiro et al. (0,80). Considerando os diferentes subgrupos etários, os valores

encontrados igualmente se aproximam dos obtidos para a amostra total, apresentando a escala total uma boa consistência interna bem como as suas subescalas em todos os subgrupos analisados (sobretudo tendo em consideração que contém um número muito reduzido de itens), o que constitui um bom indicador da adequação do instrumento para todas as faixas etárias.

Tabela 2: Consistência interna da escala LSNS-6 para a amostra total e subgrupos etários

AMOSTRAS	ALPHA CRONBACH		
	LSNS-6	LSNS-3 Família	LSNS-3 Amigos
Amostra Total	0,824	0,845	0,807
Jovens e adultos (15-44 anos)	0,825	0,795	0,812
Adultos de meia-idade (45-64 anos)	0,839	0,856	0,816
Adultos idosos (65 e + anos)	0,799	0,879	0,796

Na tabela 3 apresentam-se as estatísticas descritivas dos itens da escala LSNS-6 para a amostra total, sendo os itens com médias mais elevadas aqueles que se referem ao tamanho, quer da *Família* ($M=3,42$) quer dos *Amigos* ($M=3,6$). E as médias mais baixas encontram-se no número de pessoas com quem os respondentes discutem problemas pessoais, quer da *Família* ($M=2,35$), quer dos *Amigos* ($M=2,1$). Quanto aos desvios-padrão dos itens, eles são todos maiores que 1, indicando uma boa variabilidade das respostas aos itens da escala. Os índices de assimetria situam-se entre 0,3 e -0,84 e os de curtose entre -0,67 e -0,19, e a análise de correlação item-total da amostra total (obtida com recurso ao coeficiente de correlação corrigido) assume valores entre 0,420 e 0,684, indicando que todos contribuem para avaliar o constructo em análise.

Tabela 3: Estatísticas descritivas dos itens da escala LSNS-6

Item LSNS-6	Média (DP)	Assimetria (EP)	Curtose (EP)	Correlação item-total	Alpha Cronbach sem o próprio item
1. Família: tamanho	3,41 (1,36)	-0,56 (0,12)	-0,36 (0,25)	0,55	0,80
2. Família: ligar a pedir ajuda	2,73 (1,38)	-0,11 (0,12)	-0,67 (0,25)	0,64	0,78
3. Família: discutir assuntos pessoais	2,35 (1,32)	0,17 (0,12)	-0,44 (0,25)	0,62	0,79
4. Amigos: tamanho	3,6 (1,49)	-0,84 (0,12)	-0,19 (0,25)	0,42	0,83
5. Amigos: ligar a pedir ajuda	2,43 (1,42)	-0,08 (0,12)	-0,64 (0,25)	0,68	0,77
6. Amigos: discutir assuntos pessoais	2,1 (1,41)	0,29 (0,12)	-0,58 (0,25)	0,65	0,78

3.2. Resultados do apoio social da população

Os autores originais da escala LSNS-6, de modo a classificar os adultos idosos em relação às suas redes sociais, designadamente o risco de isolamento social, determinaram como ponto de corte o valor 12, sendo que abaixo deste valor se considera existir isolamento social (Lubben et al., 2006). No presente estudo, verifica-se, que se encontram nessa situação 22% (n=85) da amostra total, 14% (n=23) da amostra dos jovens e adultos jovens, 26% (n=29) da amostra de adultos de meia-idade e 30% (n=33) da amostra dos adultos idosos.

Analisando as pontuações da LSNS-6 e das subescalas de acordo com o grupo etário (Tabela 1), verifica-se que os jovens e adultos jovens apresentam uma média de apoio social mais elevada com 17,6 (DP=5,41), seguido pelo grupo dos adultos de meia-idade com uma média de 15,9

(DP= 6,36) e pelo grupo dos adultos idosos que apresenta a média de apoio social mais baixa, 15,5 (DP=6,63). Essas diferenças são estatisticamente significativas ($F_{(2)}=4,61$; $p=0,01$). Nas subescalas *Família* e *Amigos* os resultados são muito idênticos em ambas as escalas: os jovens e adultos jovens apresentam uma média de apoio social mais elevada 8,9 (DP=3,15) e 8,6 (DP=3,14), respetivamente. Seguem-se os adultos de meia-idade com uma média de apoio social familiar de 8,2 (DP=3,65) e amigos de 7,7 (DP=3,75) e, de forma correspondente, são os adultos idosos quem apresentam a média de apoio social mais baixa, 7,8 (DP=3,93) e 7,6 (DP=4,20). Considerando a *Família* e os *Amigos*, a diferença entre os grupos etários é estatisticamente significativa [$F_{(2)}=3,50$; $p=0,031$ e $F_{(2)}=3,12$; $p=0,045$], respetivamente. Estes dados permitem concluir que à medida que a idade avança o apoio social decresce. (Tabela 4).

Tabela 4: Resultados relativos ao apoio social em função dos diferentes grupos etários

	N	M	DP	Df	F (sig.)
LSNS-6					
Jovens e adultos jovens (15-44 anos)	165	17,6	5,41	2	4,61 (p=0,010)
Adultos de meia-idade (45-64 anos)	110	15,9	6,36		
Adultos idosos (65 e + anos)	110	15,5	6,63		
Subescala LSNS-3 Família					
Jovens e adultos jovens (15-44 anos)	165	8,9	3,15	2	3,5 (p=0,031)
Adultos de meia-idade (45-64 anos)	110	8,2	3,65		
Adultos idosos (65 e + anos)	110	7,8	3,93		
Subescala LSNS-3Amigos					
Jovens e adultos jovens (15-44 anos)	165	8,6	3,14	2	3,12 (p=0,045)
Adultos de meia-idade (45-64 anos)	110	7,7	3,75		
Adultos idosos (65 e + anos)	110	7,6	4,2		

Os resultados da comparação do apoio social em função do sexo dos participantes, indicam que os indivíduos do sexo masculino apresentam um nível de apoio social superior ($M=17,2$; $DP=6,07$) comparativamente aos indivíduos do sexo feminino ($M=16,0$; $DP=6,10$), mas a diferença não chega a ser estatisticamente significativa ($t_{(383)}=1,92$; $p=0,056$). Relativamente às subescalas, a nível da *Família* não há diferenças estatisticamente significativas entre os sexos ($t_{(383)}=0,28$; $p=0,78$), já a nível da subescala *Amigos*, essas diferenças são altamente significativas ($t_{(383)}=2,94$; $p=0,003$) em favor das pessoas do sexo masculino. Da comparação do apoio social em função do sexo com as três amostras etárias consideradas, verifica-se que não existem diferenças significativas entre os sexos na escala total para nenhuma das amostras. A única exceção em que as mulheres apresentam um nível de apoio social superior ($M=8,6$; $DP=3,0$) aos homens ($M=7,8$; $DP=4,1$) é na subescala *Família*, embora não chegue a ser significativa ($t_{(108)}=-1,14$; $p=0,25$).

Considerando o nível de escolaridade e tendo em conta que a amostra apresenta uma variabilidade considerável nesta variável e os tamanhos

das subamostras eram bastante variáveis, calculámos o ρ de Spearman tendo-se verificado, para a amostra total, que quanto mais elevado é o nível de escolaridade maior é o apoio social, quer considerando os 6 itens ($\rho=0,274$, $p<0,001$), quer analisando as subescalas da *Família* ($\rho=0,201$, $p<0,001$) e *Amigos* ($\rho=0,260$, $p<0,001$). Nos três subgrupos etários, verifica-se que a relação entre estas variáveis é altamente significativa no grupo dos *jovens e adultos jovens* ($\rho_{(164)}=0,233$, $p=0,003$), no grupo das *pessoas adultas de meia-idade* ($\rho_{(110)}=0,293$; $p=0,002$) e significativa no grupo dos *adultos idosos* ($\rho_{(110)}=0,183$, $p=0,05$). Na subescala *Amigos*, no grupo dos *jovens e adultos jovens* o apoio social e a escolaridade estão relacionados significativamente ($\rho_{(164)}=0,298$, $p=0,001$), assim como no grupo das *pessoas adultas de meia-idade* ($\rho_{(110)}=0,199$; $p=0,037$) e no grupo dos *adultos idosos* ($\rho_{(110)}=0,212$; $p=0,026$). Na subescala *Família* a correlação entre o apoio social e a escolaridade não é significativa no grupo dos *jovens e adultos jovens* ($\rho_{(164)}=0,103$, $p=0,191$) e no grupo dos *adultos idosos* ($\rho_{(110)}=0,090$, $p=0,352$), mas é-o no grupo das *pessoas de meia-idade* ($\rho_{(110)}=0,276$, $p=0,004$) (Tabela 5).

Tabela 5: Correlações entre o apoio social e o nível de escolaridade da amostra total e dos três subgrupos etários

	LSNS-6 Escala Total	LSNS-3 Subescala Família	LSNS-3 Subescala Amigos
Amostra total (n=384)			
rho de Spearman	,274**	,201**	,260**
Sig.	,000	,000	,000
Amostra jovens e adultos jovens (n=164)			
rho de Spearman	,233**	,103	,298**
Sig.	,003	,191	,000
Amostra adultos de meia-idade (n=110)			
rho de Spearman	,293**	,276**	,199*
Sig.	,002	,004	,037
Amostra de adultos idosos (n=110)			
rho de Spearman	,183	,090	,212*
Sig.	,055	,352	,026
**A correlação é significativa no nível 0,01 (2 extremidades). *A correlação é significativa no nível 0,05 (2 extremidades).			

No que diz respeito à variável nível socioeconómico, verifica-se que na amostra total são as pessoas com um rendimento alto que apresentam um índice médio de apoio social mais elevado, 19,0 ($DP=4,35$), seguidas pelas pessoas com um rendimento médio de 17,6 ($DP=6,03$) e quem apresenta o valor médio mais baixo de apoio social são as pessoas com um rendimento baixo, 15,3 ($DP=6,36$). Estes resultados apresentam-se estatisticamente significativos ($F_{(2)}=7,14$; $p<0,001$). Na subescala *Família* e na subescala *Amigos* os resultados são idênticos, sendo as pessoas que têm rendimentos mais altos as que apresentam maior apoio social e as pessoas com rendimentos mais baixos quem tem menos apoio social, sendo estas diferenças igualmente significativas para a subescala *Família* ($F_{(2)}=5,59$; $p<0,004$) e para a subescala *Amigos* ($F_{(2)}=5,04$; $p<0,007$). Da análise efetuada aos diferentes grupos etários verifica-se que em todos os grupos as pessoas com rendimentos mais altos têm maior apoio social. Porém, quer no grupo dos *jovens e adultos jovens* quer no grupo dos *adultos de meia-idade* as diferenças entre os indivíduos de diferentes níveis socioeconómicos não são estatisticamente significativas, nem na Escala LSNS-6 nem nas suas subescalas. Porém, no grupo dos *adultos idosos* encontram-se diferenças estatisticamente significativas entre as pessoas que têm um rendimento alto e as que têm um rendimento

baixo ($F_{(2)}=4,50$; $p<0,013$), verificando-se que na subescala *Família* essas diferenças não são significativas ($F_{(2)}=1,48$; $p<0,231$) e na subescala dos *Amigos* o são ($F_{(2)}=4,82$; $p<0,010$).

Relativamente à situação face ao emprego, para a amostra total, as pessoas que apresentam um valor médio mais elevado de apoio social são os estudantes 19,1 ($DP=4,85$), seguidas pelas empregadas ($M=18,8$; $DP=5,86$), as pessoas reformadas ($M=15,2$; $DP=6,34$) e as pessoas desempregadas ($M=15,0$; $DP=5,87$), sendo as diferenças estatisticamente significativas ($F_{(3)}=8,46$; $p<0,001$). Na subescala *Família* e na subescala *Amigos* os resultados são semelhantes, sendo os estudantes o grupo que obtém valores mais elevados de apoio social e os desempregados os que mostram valores mais baixos, verificando-se diferenças significativas em ambas as subescalas, da *Família* ($F_{(3)}=5,66$; $p<0,001$) e dos *Amigos* ($F_{(3)}=6,24$; $p<0,001$). No grupo de *jovens e adultos jovens* são os estudantes quem apresentam uma média mais elevada de apoio social ($M=19,1$; $DP=4,85$), seguidos pelas pessoas empregadas ($M=18,1$; $DP=5,41$), e as diferenças são estatisticamente significativas ($F_{(3)}=4,38$; $p<0,005$), verificando-se resultados semelhantes nas duas subescalas. Já no grupo de *adultos de meia-idade* são as pessoas empregadas que apresentam uma média de apoio social mais elevada ($M=17,2$; $DP=6,49$), seguidos dos desempregados ($M=15,3$;

$DP=6,12$) e, por último, dos reformados ($M=13,5$; $DP=5,77$). As diferenças nestes grupo etários não são estatisticamente significativas quer para a LSNS-6 ($F_{(3)}=2,87$, $p<0,061$), quer para as duas subescalas. No grupo dos *adultos idosos* consideraram-se apenas as pessoas reformadas, visto o número de pessoas respondentes empregadas (2) e desempregadas (3) ser menor do que 5. Assim os reformados idosos apresentam uma média de apoio social de 15,5 ($DP=6,42$) na LSNS-6, 7,8 ($DP=3,92$) na subescala *Família* e 7,6 ($DP=4,05$) na subescala *Amigos*.

4. Discussão

Uma vez que a LSNS-6 foi desenhada especificamente para ser utilizada na população idosa, a validação da escala para a utilização com outras gerações era necessária. A LSNS-6 e as suas subescalas LSNS-3 *Família* e LSNS-3 *Amigos* demonstraram boas qualidades psicométricas, não só para a amostra total, constituída por 385 indivíduos, mas igualmente para as três subamostras etárias, comprovando-se ser um instrumento válido e apto a ser usado em estudos comparativos entre diferentes gerações, assim como no âmbito das práticas intergeracionais.

Sabendo que o indivíduo constrói a sua rede social, ao longo da vida, e que a sua extensão vai depender de fatores sociodemográficos, fatores culturais, fatores económicos e fatores da personalidade, colocámos algumas hipóteses entre a variação dos resultados da LSNS-6 e subescalas relativamente a algumas variáveis sociodemográficas, por grupo etário. No que concerne à idade verificou-se que se encontram indivíduos de todas as idades em risco de isolamento social, o que comprova a necessidade de criar estratégias que aumentem as redes sociais e o apoio social de indivíduos de todas as gerações. No que concerne ao sexo, verificámos que as mulheres apresentam maior risco de isolamento social do que os homens. No nosso estudo, os homens de todos os grupos etários apresentam uma média de apoio social superior a das mulheres, resultados idênticos aos encontrados por Pinto, Gracia, Bocchi e Carvalhaes (2006), Stringhini et al. (2012) e Ribeiro et al. (2012), apesar destes autores terem investigado apenas amostras de pessoas idosas. Apurámos, ainda, que os homens são mais apoiados do que as mulheres, sobretudo por parte dos amigos, resultado semelhante ao encontrado por Ribeiro et al. (2012), sendo que a única exceção em que as mulheres apresentam uma média superior de apoio social é na amostra das mulheres adultas de meia-idade, no apoio social familiar. Estes dados parecem reforçar a hipótese de que as mulheres,

ao assumirem um papel predominante no âmbito familiar, ou seja, no apoio, na organização, na preservação da saúde dos familiares próximos e na educação dos filhos, etc., por um lado aumentam o apoio social familiar e, por outro lado, se tornam mais reclusas em relação ao contato social extra-familiar comparativamente aos homens (Pinto et al. 2006). No que diz respeito ao nível de escolaridade, verificámos que as pessoas com mais estudos têm uma média de apoio social mais elevada, resultados idênticos aos encontrados por Pinto et al. (2006).

Diversos estudos realizados com a população idosa confirmam que as condições económicas e o *status* económico contribuem para o tamanho da rede social (Rosa et al., 2007; Honeycutt et al., 2008). No mesmo sentido apontou a nossa investigação, verificando-se ainda que as pessoas com maiores rendimentos evidenciam uma média de apoio social mais elevada em todas as gerações, o que significa que os baixos rendimentos são um fator que potencializa o risco de isolamento social.

Por último, constatámos que o facto de não existir uma ocupação “obrigatória”, como trabalhar ou estudar, é um fator que potencia o isolamento social. A nossa análise evidenciou que as pessoas estudantes e empregadas têm maior apoio social do que as pessoas desempregadas e reformadas em todas as amostras etárias, na LSNS-6 e nas subescalas *Família* e *Amigos*.

5. Conclusão

Se por um lado observamos que a idade é um fator de risco social por si só, constatamos igualmente da análise por grupo etário que independentemente da idade existem características que influenciam o apoio social das pessoas, tais como: ser mulher, ter baixos níveis de escolaridade, baixos rendimentos, e estar desempregado ou reformado. Consideramos que estas características devem ser contempladas na hora da planificação e na seleção de participantes dos PI, sabendo-se de antemão que um grupo heterogéneo – que inclua pessoas com um forte apoio social e pessoas em risco social – será uma mais-valia para alargar e solidificar redes sociais vinculantes contribuindo para o bem-estar, a qualidade de vida e a integração social, não só dos adultos idosos mas também dos de diferentes gerações.

O aspeto inovador deste artigo foi o de comprovar que LSNS-6 pode ser utilizada na planificação e desenvolvimento de Programas Intergeracionais. Assim, devido à sua fácil e rápida utilização, sugerimos que a escala seja aplicada em três momentos distintos dos Programas Intergeracionais.

Num primeiro momento, a LSNS-6 deve ser aplicada na seleção dos participantes ou no caso de os participantes já estarem estabelecidos no início do PI. Esta primeira aplicação serve de pré-teste relativamente a uma comparação posterior, a nível de pós-teste, ou seja, na fase de avaliação final do programa (segundo momento) e mesmo em casos de *follow-up*. E porque estamos de acordo que a avaliação é uma condição *sine qua non* de um bom Programa Intergeracional e que por isso se devem avaliar resultados a curto, médio e longo prazo (Sánchez, 2007), sugerimos a aplicação da LSNS-6, num terceiro momento, após alguns meses do término do programa, servindo, deste modo, o propósito de medir o impacto que o Programa Intergeracional teve na rede social e no apoio social dos seus participantes, a médio e longo prazo.

Neste estudo não foi possível demonstrar todas as potencialidades da LSNS-6, por constrangimentos de espaço, ficando por efetuar análises mais específicas sobre os três itens que constituem LSNS-3 *Família* e a LSNS-3 *Amigos*. Esta análise permitiria explorar, por exemplo, se o tamanho da rede prognostica mais relações de intimidade e de ajuda? Se a ajuda é solicitada a pessoas com quem se tem contacto e intimidade ou apenas às pessoas com quem se tem intimidade? Comparar as relações de intimidade entre as diferentes gerações? E compreender as diferenças relativamente a estas perguntas em relação às subescalas *Família* e *Amigos*? Estas e outras questões que no fecho deste artigo levantamos, certamente inspirarão investigações futuras.

Referências bibliográficas

- Antonucci, T., & Akiyama, H. (1987). An examination of sex differences in social support among older men and women. *Sex Roles*, 17, 737-749.
- Antonucci, T. (1990). Social supports and social relationships. In R.H. Binstock & L.K. George (Eds.), *Handbook of aging and the social sciences* (pp.205-266). San Diego: Academic Press.
- Berkman, L., & Glass, T. (2000). *Social integration, social networks, social support, and health*. In L.F. Berkman & I. Kawachi (Eds.), *Social epidemiology* (pp.137-173). New York: Oxford University Press.
- Bishop, A., Martin, P., & Poon, L. (2006). Happiness and congruence in older adulthood: A structural model of life satisfaction. *Aging & Mental Health*, 10(5), 445-453. DOI: 10.1080/13607860600638388.
- Bowling, A., Farquhar, M., & Browne, P. (1991). Life satisfaction and associations with social network and support variables in three samples of elderly people. *International Journal of Geriatric Psychiatry*, 6, 549-566.
- Bressler, J., Henkin, N., & Adler M. (2005). *Connecting generations, strengthening communities: A toolkit for intergenerational program planners*. Philadelphia, Center for Intergenerational Learning: Temple University.
- Cukrowicz, K., Franzese, A., Thorp, S., Cheavens, J., & Lynch T. (2008). Personality traits and perceived social support among depressed older adults. *Aging & Mental Health*, 12(5), 662-669. DOI: 10.1080/13607860802343258.
- Cummings, S. (2002). Predictors of psychological well-being among assisted-living residents. *Health & Social Work*, 27(4), 293-302.
- Emler, C. (2006). An examination of the social networks and social isolation in older and younger adults living with HIV/AIDS. *Health & Social Work*, 31(4), 299-308.
- Esgalhado, M.G, Reis, M., Pereira, H., & Afonso, R. (2010). Influence of social support on the psychological well-being and mental health of older adults living in assisted-living residences. *International Journal of Developmental and Educational Psychology*, 1, 267-278.
- Fernández-Ballesteros, R., Moya, R., Iñiguez, J., & Zamarrón, M.D. (1999). *Qué es la psicología de la vejez*. Madrid: Biblioteca Nueva.
- Granville, G. (2002). *A Review of intergenerational practice in the UK*. Stoke-on-Trent: The Beth Johnson Foundation.
- Guerette, A., & Smeda, S. (2011). The relationship of perceived social support with well-being in adults with visual impairments. *Journal of Visual Impairment & Blindness*, 105(7), 425-439.
- Guzmán, J.M., Huenchuan, S., & Montes de Oca, V. (2003). *Redes de apoyo social de las personas mayores: Marco conceptual*. In *Notas de Población* (pp.35-70). Santiago, Chile: CEPAL/CELADE.
- Hatton-Yeo, A., & Ohsako, T. (Eds.)(2000). *Intergenerational programmes: Public policy and research implications: An international perspective*. Hamburg, Germany: UNESCO Institute for Education.
- Honeycutt, J., Nasser, K., Banner, J., Mapp, C., & Dupont, B. (2008). Individual differences in catharsis, emotional valence, trauma anxiety, and social networks among hurricane Katrina and Rita victims, Southern. *Communication Journal*, 73(3), 229-242. DOI: 10.1080/10417940802219728.
- Jong, K., Mooienaar, N., Osagie, E., & Phielix, C. (2016). Valuable connections: A social capital perspective on teachers' - social networks, commitment and self-efficacy. *Pedagogia Social. Revista Interuniversitaria*, 28, 71-84.

- Khan, R., & Antonucci, T. (1980). Convoys over the life course: Attachment, roles and social support. In P.B. Baltes & O. Brim (Eds.), *Life-span development and behavior* (pp. 254-283). Boston: Lexington.
- Longás, J. (2016). Redes territoriales de acción socioeducativa, una apuesta por la innovación social colaborativa. *Pedagogía Social. Revista Interuniversitaria*, 28, 13-15. DOI: 10.7179/PSRI_2016.28.01.
- Lubben, J. (1988). Assessing social networks among elderly populations. *Family and Community Health*, 11(3), 42-52.
- Lubben, J., Blozik, E., Gillmann, G., Liffe, S., & Kruse, W.R. (2006). Performance of an abbreviated version of the Lubben Social Network Scale among three European community-dwelling older adult populations. *The Gerontologist*, 46(4), 503-513.
- MacCallum, J., Palmer, D., Wright, P., Cumming-Potvin, W., Northcote, J., Booker, M., & Tero, C. (2006). *Community building through intergenerational exchange programs*. Australia: National Youth Affairs Research Scheme.
- MacCallum, J., Palmer, D., Wright, P., Cumming-Potvin, W., Brooker, M., & Tero, C. (2010). Australian Perspectives: Community building through intergenerational exchange programs. *Journal of Intergenerational Relationships*, 8(2), 113-127.
- Martins, P. (2010). Redes sociais como novo marco interpretativo das mobilizações coletivas contemporâneas. *Cadernos CRH*, 23(59), 401-418. DOI: 10.1590/S0103-49792010000200013.
- Mazzella, F., Cacciatore, F., Galizia, G., Della-Morte, D., Rossetti, M., ... Pasquale, A. (2010). Social support and long-term mortality in the elderly: Role of comorbidity. *Archives Of Gerontology and Geriatrics*, 51(3), 323-328. DOI: 10.1016/j.archger.2010.01.011.
- Mohamad, N., Alavi, K., Mohamad, M., Mohamad N.S., & Sallem, M. (2016). Effect of intergenerational social support and loneliness on subjective wellbeing of institutionalized Malaysian elders. *International Journal of Management and Applied Science*, 2, 128-133.
- Oliveira, A.L., Lima, M.P., & Silva, J.T. (2016). Envelhecimento e saúde: Escala de Autoeficácia para a Autodireção na Saúde. *Revista de Saúde Pública*, 50(40), 1-9. DOI: 10.1590/S1518-8787.2016050006312.
- Perez A., & Montero, I. (2016). De sustentados a sustentadores: El rol de las personas mayores en la familia durante la crisis económica. *ReiDoCrea*, 5, 40-55.
- Pinto, J., Garcia A., Bocchi, S., & Carvalhaes, M.A. (2006). Características do apoio social oferecido a idosos de área rural assistida pelo PSF. *Ciência e Saúde Coletiva*, 11(3), 753-764. DOI: 10.1590/S1413-81232006000300023.
- Portero, C. & Oliva, A. (2007). Social support, psychological well-being and health among the elderly. *Educational Gerontology*, 33, 1053-1068. DOI: 10.1080/03601270701700458.
- Power, M., & Maluccio, A. (1999). Intergenerational approaches to helping families at risk. *Generations*, 22(24), 37-42.
- Ramos, N. (2004). *Psicologia clínica e da saúde*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Ramos N. (2005a). Famílias e crianças em contexto de pobreza e exclusão - Do desenvolvimento à saúde e à educação. *Psychologica*, 38, 241- 263.
- Ramos, N. (2005b). Relações e solidariedades intergeracionais na família- Dos avós aos netos. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 39(1), 195-216.
- Ramos, N. (2008). Família, cultura e relações intergeracionais. In: *Actas do congresso solidariedade intergeracional* (pp.315-329). Lisboa: CEMRI Universidade Aberta.
- Ramos, N. (2013). Relationships and intergenerational solidarities - Social, educational and health challenges. In A. Oliveira (Coord.), *Promoting conscious and active learning and aging: How to face current and future challenges?* (pp.129-145). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra. DOI: 10.14195/978-989-26-0732-0.
- Ribeiro, O., Teixeira, L., Duarte, N., Azevedo, M.J., Araújo, L., Barbosa & S. Paúl, C. (2012). Versão portuguesa da Escala Breve de Redes Sociais de Lubben (LSNS-6). *Revista Temática Kairós Gerontologia*, 15(1), 217-234.
- Rosa, T., Benício M., Alves, M., & Lebrão, M. (2007). Aspetos estruturais e funcionais do apoio social de idosos do Município de São Paulo, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, 23(12), 2982-2992. DOI: 10.1590/S0102-311X2007001200019.
- Rubinstein, R., Lubben, J., & Mintzer, J. (1994). Social isolation and social support: An applied perspective. *The Journal of Applied Gerontology*, 13(1), 58-72.
- Sánchez, M. (2007). (Dir.). *La evaluación de los programas intergeracionales*. IMSERSO: Madrid.
- Santos, Z. (2009). Older adult, social networks and social integration. *Trabajo Social*, 11, 159-174.
- Souza, E., & Grundy, E. (2007). Intergenerational interaction, social capital and health: results from a randomized controlled trial in Brazil. *Social Science and Medicine*, 65(7), 1397-1409. DOI: 10.1016/j.socscimed.2007.05.022.
- Souza, E. (2011). Integração intergeracional, capital social e saúde: arcabouço teórico e resultados de um estudo qualitativo. *Ciência & Saúde Coletiva*, 16(3), 1733-1744. DOI: 10.1590/S1413-81232011000300010.
- Stringhini, S., Berkman, L., Dugravot, A., Ferrie, J., Mamot, M., Kivimaki, M., & Singh-Manoux, A. (2012). Socioeconomic status, structural and functional measures of social support, and mortality - The british whitehall II cohort study, 1985-2009. *American Journal of Epidemiology*, 175(12), 1275-1283. 10.1093/aje/kwr461.

- Villas-Boas, S., Oliveira, A., Ramos, N., & Montero I. (2015). Elaboração de programas intergeracionais: O desenho do perfil comunitário. *Educação, Sociedade & Culturas*, 44, 31-47. Retrieved from http://www.fpce.up.pt/ciie/sites/default/files/ESC44_VillasBoas.pdf.
- Villas-Boas, S., Oliveira, A., Ramos, N., & Montero I. (2016). A educação intergeracional no quadro da educação ao longo da vida - Desafios intergeracionais, sociais e pedagógicos. *Investigar em Educação*, 11(5), 117-141. Retrieved from <http://pages.ie.uminho.pt/inved/index.php/ie/article/view/114>.
- White, A., Philogene, G.S., Fine, L. & Shina, S. et al. (2009). Social support and self-reported health status of older adults in the United States. *American Journal of Public Health*, 99(10), 1872-1878. DOI: 10.2105/AJPH.2008.146894.

Notas

- ¹ Este conceito associa-se ao sentimento de pertença a uma comunidade, de preocupação com as pessoas que fazem parte dela e da convicção de que essas pessoas, por sua vez, se preocupam com os outros. Confiança mútua, partilha de valores e normas, cooperação e redes são indicadores de capital social de uma comunidade.
- ² De nacionalidade espanhola registou-se 1,3%; 0,5 de nacionalidade francesa; 0,5 belga e 0,3 de nacionalidade moçambicana, angolana, guineense, italiana, brasileira, respetivamente, num total de 14 pessoas.
- ³ Salário médio em Portugal, em 2013, rondava os 963€ - GEE/MEE (2013) - Boletim estatístico de dezembro de 2013. Disponível em <http://www.gee.min-economia.pt> [16/01/2016].
- ⁴ Através do Website Boston College: <http://www.bc.edu/bc-web/about.html>

CÓMO CITAR ESTE ARTÍCULO

Villa-Boas, S., Oliveira, A.L., Ramos, N., & Montero, I. (2018). Apoio social e diversidade geracional: o potencial da LSNS-6. *Pedagogía Social. Revista Interuniversitaria*, 31, 183-196. DOI: 10.7179/PSRI_2018.31.14

DIRECCIÓN COMPLETA DE LOS AUTORES

Susana Villas-Boas. Universidade de Coimbra. FPCE-UC, Rua do Colégio Novo, 3000-115 Coimbra, Portugal. Tel.: +351 239 851 450 Email: suvboas@gmail.com.

Albertina Lima de Oliveira. Universidade de Coimbra FPCE-UC, Rua do Colégio Novo, 3000-115 Coimbra, Portugal. Tel.: +351 239 851 450 Email: aolima@fpce.uc.pt.

Natália Ramos. Universidade Aberta, Rua da Escola Politécnica 141-147, 1269-001 Lisboa, Portugal. Tel.: +351 21 391 6300. Email: natalia@uab.pt

Inmaculada Montero. Departamento de Pedagogia da Universidade de Granada. FCE-UG, Campus Universitario Cartuja, s/n, 18011 Granada, Espanha. Telefone: + 34 958 249633. E-mail: imontero@ugr.es

PERFIL ACADÉMICO

Susana Villas-Boas. Bolseira de doutoramento da Fundação para a Ciência e Tecnologia, professora convidada da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, desde 2014. Investigadora do Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais (CEMRI) da Universidade Aberta de Lisboa e do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX (CEIS20) da Universidade de Coimbra.

Albertina Lima de Oliveira. Ph.D em Ciências da Educação especialidade em Educação Permanente e formação de adultos pela Universidade de Coimbra, professora auxiliar da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra e investigadora do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX da mesma Universidade (CEIS20).

Natália Ramos. Ph.D em Psicologia pela Universidade René Descartes, Paris, professora associada da Universidade Aberta de Lisboa, Diretora do Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais da Universidade Aberta - CEMRI-UAb e investigadora e coordenadora do grupo Saúde, Cultura e Desenvolvimento do mesmo centro.

Inmaculada Montero. Ph.D em Pedagogia pela Universidade de Granada, Espanha, e professora doutora contratada colaboradora da Faculdade de Ciências da Educação, do Departamento de Pedagogia da Universidade de Granada.